

LISBOA CAPITAL VERDE EUROPEIA 2020 – PLANTAR O FUTURO

“Plantar um Jardim é acreditar no amanhã”

Há qualquer coisa de especial que vai acontecer em Lisboa no ano de 2020: a oportunidade de, informadamente, se discutirem todas as questões ambientais relacionadas com a cidade, mas também com o país e com o mundo.

“OIKOS” (casa) e “LOGIA” (ciência), as palavras gregas que a partir do século XIX (zoólogo alemão Ernest Haeckel, discípulo de Darwin) foram as escolhidas para formar o novo vocábulo: Ecologia.

E é isso que se pretende: falar da nossa casa, da pequena (Lisboa) à universal, conhecê-la, percebê-la, com os cientistas e com os ensinamentos de quem sabe e de quem estudou, sempre com ligação ao que nos rodeia, ao que nos envolve, afinal, à origem da própria palavra ambiente (o que está à volta).

Haverá sempre alguém que se interroge e até que ataque: Lisboa, Capital Verde Europeia? Não há lixo na rua, barulho, poluição, transportes que tardam, trânsito confuso e... e...? – venham é aqui à porta da minha casa e vejam o desalinho, o cheiro... Capital Verde? Venham mas é cá!

Escutando as dúvidas, mas também as irritações e os sarcasmos, começemos por verificar o que os peritos da Comissão Europeia analisaram para nos atribuírem o galardão, depois de o terem feito apenas às capitais europeias que, normalmente, são referências nestas matérias: Copenhaga, Estocolmo, Liubliana e Oslo (2019).

Ora, diga-se já, que Lisboa não ganhou por ser a cidade mais sustentável. Ganhou porque evoluiu em todos os parâmetros – água, energia, mobilidade, resíduos, estrutura verde, biodiversidade. Ganhou porque provou que quer continuar a evoluir, assumindo compromissos futuros.

Recuemos 12 anos e vejamos a evolução, com uma breve descrição do ontem, do hoje e do amanhã. Façamos de júri:

- Ontem: cem mil casas da cidade despejavam o esgoto diretamente para o rio e os peixes fugiam. Hoje: todas as canalizações das nossas habitações estão ligadas às ETARs e as corvinas, os sargos, entre outros, veem desovar ao estuário, fazendo companhia ao charroco, o peixe residente, e até, de vez em quando, aparecem golfinhos. Amanhã: em 2030, provavelmente, se continuarmos a evoluir, poderá nadar-se no Tejo.

- Ontem: a frente ribeirinha estava pejada de carros, incluindo a Ribeira das Naus, o Cais do Sodré, o Campo das Cebolas e circulava-se nas laterais do Terreiro do Paço. Hoje: ninguém prescinde de passear, correr e olhar junto ao rio; não se admite que haja estacionamento na sua margem; todos querem estar nas esplanadas e descansar naqueles sítios. Amanhã: vamos reaver a estação Sul- Sueste (em obra), a Doca da Marinha (em obra) e teremos um grande jardim à frente da Matinha, com ligação ao Parque das Nações, pronto para inaugurar neste janeiro.
- Ontem: o plano de drenagem estava na gaveta; os consumos de água de Lisboa e da própria Câmara eram, respetivamente, de 94 e 9,2 milhões de m³; havia perdas significativas na rede de distribuição; e existiam poucos bebedouros. Hoje, a pensar nos eventos extremos mais frequentes, sejam as inundações, seja a seca: o plano de drenagem está em concurso; já se fizeram 5 bacias de retenção de base natural; gasta-se menos água (- 33% na cidade e - 46% na Câmara); somos daqueles que menos desperdiçam água na rede (6º melhor resultado do mundo, mérito da EPAL); começámos a instalação de 200 novos bebedouros (com a EPAL) e de uma rede de água reciclada para lavagens de ruas e rega (com a Águas do Tejo e Atlântico - ATA. Amanhã: poderemos diminuir em 60% o consumo de água da CML (2030); teremos uma rede de água reciclada que irá abranger uma grande parte da cidade (2025, com a ATA); estarão arrançados quase todos os chafarizes e haverá muito mais locais de acesso livre a água potável (2021).
- Ontem: quase todos os jardins estavam maltratados; Monsanto encontrava-se desordenado; havia inúmeras caldeiras de árvores vazias; mais de 40 mil pessoas não tinham acesso a um espaço verde de proximidade; não existia nenhum corredor verde, nem qualquer parque hortícola ordenado; a Estufa Fria fora diagnosticada como estando em colapso eminente. Hoje: quase todos os jardins foram reabilitados (30 hectares); nasceram 250 hectares de parques; construíram-se vários corredores verdes que ligam bairros e sítios; 85,3% da população vive perto (300 metros) de um espaço verde com mais de 2000 m²; plantaram-se mais de 60000 árvores nos últimos anos; existem 20 parques hortícolas com 700 talhões; Monsanto é a única mata urbana europeia certificada internacionalmente com práticas de boa gestão; reabilitou-se Montes Claros, algumas casas de função e, claro, a Estufa Fria. Amanhã: teremos mais 100 hectares de novos espaços verdes (no 1º trimestre de 2020 lançar-se-ão, entre outros, os concursos do Parque do Vale do Forno e do Parque do Vale da Montanha 2) onde se incluem os terrenos da nova feira popular, em Carnide, a Praça de Espanha, o Vale de Alcântara e mais 5

parques hortícolas, tudo até 2021; em 2022, 25% da cidade será verde; entretanto iremos plantar 25000 árvores por ano até 2030 para combater a onda de calor; até esta data, de forma a sermos resilientes à escassez de água, iremos aumentar em 75% a área de prados de sequeiro biodiversos (grandes sumidouros de CO2 sem necessidade de água); já neste ano, inauguraremos a Quinta da Santo António (o ex-Aqua Parque) , o Monte das Perdizes (o Ex- Campo de Tiro) e a Quinta da Pimenteira; na continuação da abertura ao público de jardins existentes, do Estado e de privados, como aconteceu nos últimos anos com a Tapada das Necessidades, Cerca do Convento da Graça e Parque Bensaúde, iremos tornar, também neste ano de 2020, mais acessíveis a Tapada da Ajuda e o Jardim da Biblioteca Nacional e teremos, para todos, mais 12 espaços que denominamos como jardins surpresa; Finalmente, em 2020, iremos ter, entre Março e Abril, o mapa interativo dos espaços verdes e a georreferenciação das árvores, com a identificação de muitas no próprio local.

- Ontem: havia zero bicicletas, zero carros elétricos, zero partilha de meios de transporte; um total desinvestimento na Carris, na sua frota, nas carreiras, na frequência; os passes eram caros e havia um para cada modo de transporte. Hoje: as bicicletas são uma realidade e existe partilha, aliás como há com trotinetes, carros e motorizadas; a frota ligeira da CML é toda elétrica; adquiriram-se mais de 100 autocarros para a Carris, reforçou-se a sua equipa, há linhas de bairro e a frequência está a melhorar. Amanhã, até 2030 Lisboa será uma cidade europeia de referência: com uma rede de transporte público fiável, acessível e integrada; um passe único em toda a AML; 410 novos autocarros de elevado desempenho ambiental (até 2023); duplicação da frota de elétricos rápidos; mais 40% de oferta de transporte público rodoviário na AML; expansão da rede de Metropolitano e renovação da frota da Transtejo; infraestrutura ciclável, com bicicletas partilhadas, a ligar toda a cidade; e ambicionamos que 7 em cada 10 viagens seja em transporte público e modos ativos, que haja a redução das viagens em automóvel de 57% para 33%.
- Ontem: tínhamos uma taxa de recolha seletiva de 18%. Hoje: a percentagem é de 28%. Amanhã: em 2030 teremos 50% da recolha seletiva do total dos resíduos que são produzidos e esperamos reduzir a sua produção per capital em 15%.
- Ontem: quanto ao ruído e à poluição, verificamos que havia mais pessoas expostas ao ruído rodoviário do que atualmente e que eramos multados por excesso de poluição na cidade. Hoje: temos menos pessoas expostas ao ruído automóvel e existem menos

ocorrências relativas ao excesso de poluição. Amanhã: queremos garantir que não haja qualquer alerta à população quanto a qualquer dos poluentes.

- Ontem: devido ao investimento do país em energias renováveis, tínhamos reduzido o consumo final e emissões de CO₂, entre 2002 e 2010, em cerca de 26%. Hoje: já reduzimos cerca de 42%; Amanhã: queremos atingir, até 2030, cerca de 60% e a neutralidade carbónica em 2050.
- Ontem: não havia lâmpadas LED, nem nos semáforos nem na iluminação pública, nem qualquer produção local de energias renováveis. Hoje: todos os semáforos, assim como centenas de luminárias, têm lâmpadas LED e já há energia fotovoltaica produzida na cidade, incluindo no edifício dos Paços do Concelho. Amanhã: até 2030 poderemos reduzir 60% no consumo energético (30% nos edifícios municipais, 20% no consumo geral residencial e de serviços, 10% na indústria, e 67% na Iluminação Pública); quanto às energias renováveis, poderemos, em 2030, subir dos atuais 6MW para 100MW de potência fotovoltaica instalada; e queremos erradicar a pobreza energética até 2050.
- Ontem: há cerca de 12 anos, poucas novas praças foram feitas, poucos passeios foram alargados. Hoje: arranhamos as da Frente Ribeirinha, a do Largo do Leão, a de Campolide, a da Fonte Nova; temos metade da Av. Duque D'Ávila pedonalizada e alargámos os passeios da Av. da República e da Fontes Pereira de Melo; e isto são meros exemplos, mas significativos. Amanhã: teremos novas Praças como, por exemplo, nos Largos de São Sebastião da Pedreira, Paço Rainha, Boa Hora e Rio Seco.
- Ontem: quase não havia esplanadas em Lisboa e poucos eram os parques infantis. Hoje: não há praça sem esplanada, não há jardim sem quiosque, quase que não há um espaço verde sem um parque infantil. Amanhã: já ninguém conceberá um local para as pessoas que não tenha esses equipamentos.
- Ontem: o Prof. Gonçalo Ribeiro Telles foi expulso da Câmara. Hoje: o seu plano verde está a ser concretizado. Amanhã: estará concluído. Afinal, o sonho é mesmo o princípio da responsabilidade.

Ou seja, Lisboa indiscutivelmente evoluiu e quer evoluir. E foi por isto tudo que, merecidamente, ganhamos o prémio – as coisas são o que são ou então não são.

É evidente que aplaudimos muitas coisas do passado recente, como é o caso do Jardim Amália Rodrigues ou o fim das barracas na época de Jorge Sampaio / João Soares, o arranjo da Quinta das Conchas e dos Lilases na altura da presidência de Pedro Santana Lopes, ou o fecho ao

trânsito dos bairros históricos na mesma época, mas não oferece dúvidas que a grande evolução ambiental da cidade ocorreu nos últimos 12 anos.

Lisboa é uma cidade comprometida ambientalmente com o futuro e que quer adaptar-se às alterações climáticas, daí também termos assinado todos os acordos internacionais sobre a matéria, desde o Pacto dos Autarcas Europeu ao C40 Cities - Climate Leadership Group.

A primeira tarefa da Capital Verde é saber informar, sabermos todos onde estamos. É, por esta razão que, ainda durante este ano, temos de apresentar os mapas da ilha de calor, da qualidade do ar e o gráfico de previsão para a subida da água do Tejo, bem como atualizar a carta do ruído e o plano da biodiversidade, documentos que, ao contrário de todas as outras matérias ambientais, ainda não estão atualizados.

A segunda tarefa é apelar à participação. Desde as Juntas de Freguesia (o amor – aqui, pela cidade - é a única coisa que cresce à medida que se reparte) às escolas do 1º ciclo às universidades, das empresas às instituições de solidariedade social e à Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. E, claro, aos cidadãos.

Na verdade, uma Lisboa sustentável é um caminho que tem de ser percorrido por todos. Dos poderes públicos às ONG e aos cidadãos. Todas as pessoas, dos mais velhos aos mais novos. Dos mais conscientes aos mais céticos. Dos mais ativos aos mais conformistas. E, também, todos os indiferentes. A sustentabilidade é um imperativo que a todos diz respeito. Nesse sentido, iremos em breve assinar com muitas empresas um compromisso: uma ação climática conjunta para 2030.

A cultura, desde as bibliotecas aos teatros, dos escritores aos escultores, da fotografia e da ilustração ao cinema. O Desporto, desde a corrida informal ao jogo profissional. Todos vão participar, aliás como os grandes programadores: a Culturgest, o Centro Cultural de Belém, o Museu Nacional de Arte Antiga, a Sociedade Nacional de Belas Artes e, obviamente, a Fundação Calouste Gulbenkian.

Para as escolas realizaremos várias iniciativas e vários concursos, com atividades e prémios que lhes deem mais conhecimento, mas também lhes proporcionem a possibilidade de conhecer a nossa cidade e as magníficas paisagens do nosso país. Para as Universidades de Lisboa, abriremos a hipótese de uma Cátedra sobre Alterações Climáticas, que seria um bom legado da Capital Verde 2020. Não esqueceremos as Escolas Superiores de Dança e de Música do Instituto Politécnico de Lisboa e, muito menos, as Universidades Sêniores. Quanto às universidades do

país, contamos com todas, para nos mostrarem, lá e cá, o melhor que ensinam e o melhor que investigam.

A comunicação de Lisboa Capital Verde 2020 deve ser, em permanência, um apelo e repto a cada um de nós, individual e coletivo, com mensagens simples, mas essenciais para evoluirmos. É esse o mote da nossa imagem para o ano de 2020. Quase como se descrevêssemos Lisboa letra a letra, para ganhar vida e crescer da raiz à copa, como uma árvore, na qual vem poisar um corvo, um dos símbolos da cidade. São simples as frases: Menos carros, Mais transportes públicos / Mais cinzeiros, Menos beatas no chão / Mais civismo, Menos cocós nos passeios / Mais reciclagem, Menos lixo / Mais a pé, Menos de carro / Mais lixo no caixote, Menos na rua / Mais boleias, Menos negas / Mais trotinetes a circular, Menos tombadas / Mais água da torneira, Menos água engarrafada / Mais banhos curtos, Menos barragens vazias / Mais lançamentos para o caixote, Menos pela janela do carro / Menos torneiras a pingar, Mais água para todos / Menos luzes acesas, Melhor ambiente / Mais no jardim, Menos em casa / Mais civismo, Menos egocentrismo / Menos produtos estrangeiros, Mais orgulho nacional / Menos palhinhas, Mais bocas molhadas / Mais vegetais, Menos carne / Mais fruta, Menos açúcar.

A simplicidade não implica que deixemos de valorizar, quer o que fazemos aqui, quer o que se faz no país, seja na obra, no projeto, na investigação ou, tão só, mostrando as nossas paisagens, de Trás-os-Montes ao Algarve. Aliás, um bom exemplo é sempre melhor que um sermão.

E se queremos melhor informação, mais participação e apostar na valorização, só podemos também desejar que haja debate, desde simples conversas a grandes conferências, com transparência e espírito criativo. Do ambiente e alterações climáticas, à saúde e alimentação saudável. Desde grandes encontros mundiais (conferência das Nações Unidas sobre os Oceanos), a Europeus (Conferência Europeia sobre Transportes), a Nacionais, e alguns terão a chancela da Academia de Ciências de Lisboa e de muitas universidades portuguesas.

Há assuntos que convém que se debatam fora de portas. É o que faz sentido quando se quer falar do lítio, da produção agrícola, da falta de água, dos incêndios, do ordenamento do território ou da desertificação, mas tentar ouvir sempre o outro “lado”, o outro argumento – o meio mais rápido de se acertar no caminho é ouvir as indicações da outra parte.

Há assuntos, contudo, que têm de ser discutidos aqui, em Lisboa, sem receio, com liberdade: o Aeroporto, o Porto de Lisboa, a Área Metropolitana, a ferrovia, a coesão social, a habitação ou a falta dela.

Há um assunto incontornável: como alcançar os objetivos de desenvolvimento sustentável das Nações Unidas?

As exposições que irão ocorrer em Lisboa, serão locais, esperemos nós, de informação, de participação, de valorização e, obviamente, de debate.

Mostraremos os parques e reservas naturais do país no Museu Nacional de História Natural, e os jardins históricos na Biblioteca Nacional. Viajaremos pela Ilustração Científica em Portugal e pelas expedições do Grupo do Risco nas mostras que irão acontecer também no Museu Nacional de História Natural. A Torre do Tombo apresentará a Flora Fluminense e o Arquivo Histórico Ultramarino contar-nos-á a história dos jacarandás. O Pavilhão do Conhecimento Ciência Viva apresentará uma grande exposição sobre a água, o MAAT sobre a Energia e nascerá, no parque de estacionamento junto às Docas, o Remuseu, que tratará da problemática dos resíduos. O Oceanário inaugurará, já em janeiro, uma instalação artística sobre o Mar, para o melhor sentirmos, e estamos a tentar organizar um grande labirinto no Panorâmico em Monsanto, para abordar as questões e as escolhas no combate às alterações Climáticas.

Queremos que tudo seja útil, para o resultado não ser vão. Previmos no orçamento a verba necessária para levar a cabo esta tarefa – cerca de 3 milhões de euros e não os 60 milhões que andam por aí a dizer (estes incluem todas as obras).

Talvez não sejam necessários grandes discursos, muita retórica, os anúncios do costume e as fotografias com as vedetas do momento, mas isso já é difícil prometer. De qualquer modo, há pessoas que queremos mesmo que se envolvam, porque estão connosco, como é o caso do Sr. Eng. António Guterres, Secretário Geral da ONU, do Sr. Presidente da República, que já deu o Alto Patrocínio a esta iniciativa, ou do Sr. Primeiro Ministro, que desde a primeira hora disse que queria estar presente. E todos eles estarão na abertura oficial da Lisboa Capital Verde Europeia 2020.

De uma coisa estamos certos: no ano de 2020 temos de passar a mensagem de que, se não cuidarmos do que está à nossa volta, não estamos a cuidar de nós próprios.

E há uma máxima de Santo Agostinho que deve estar sempre presente no ano de Lisboa Capital Verde Europeia 2020: Ter não é Ser / Ser não é Ter.

José Sá Fernandes